

No dia triste o meu coração mais triste que o dia...
Obrigações morais e civis?
Complexidade de deveres, de conseqüências?
Não, nada...
O dia triste, a pouca vontade para tudo...
Nada...

Outros viajam (também viajei), outros estão ao sol
(Também estive ao sol, ou supus que estive).
Todos têm razão, ou vida, ou ignorância simétrica,
Vaidade, alegria e sociabilidade,
E emigram para voltar, ou para não voltar,
Em navios que os transportam simplesmente.
Não sentem o que há de morte em toda a partida,
De mistério em toda a chegada,
De horrível em todo o novo...

Não sentem: por isso são deputados e financeiros,
Dançam e são empregados do comércio,
Vão a todos os teatros e conhecem gente...
Não sentem: para que haveriam de sentir?

Gado vestido dos currais dos Deuses,
Deixá-lo passar engrinaldado para o sacrifício
Sob o sol, álaque, vivo, contente de sentir-se...
Deixai-o passar, mas ai, vou com ele sem grinalda
Para o mesmo destino!
Vou com ele sem o sol que sinto, sem a vida que tenho,
Vou com ele sem desconhecer...

No dia triste o meu coração mais triste que o dia...
No dia triste todos os dias...
No dia tão triste...

O AUTOR

Fernando Pessoa

(Fernando Antônio Nogueira Pessoa
– 1888-1935)

Em 1896, acompanha a família para morar em Durban, na África do Sul. Regressa para Lisboa somente em 1905 e, em 1906, matricula-se no Curso Superior de Letras. Um ano depois abandona o curso. O poeta passa a escrever poemas sob três personalidades diferentes (heterônimos) Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Em 1915 sai o primeiro número da revista *Orfeu*. Pessoa "mata" Alberto Caeiro. Em 1924, surge a revista *Atena*, dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz. Fernando Pessoa solicita, em 1926, patente de invenção de um Anuário Indicador Sintético, por nomes e outras classificações, consultável em qualquer língua. Dirige, com seu cunhado, a revista de *Comércio e Contabilidade*. Em 1927, passa a colaborar com a revista *Presença*. Aparece, em 1934, *Mensagem*, seu único livro publicado. Morre em Lisboa, aos 47 anos.

Ah a frescura na face de não cumprir um dever!
Faltar é positivamente estar no campo!
Que refúgio o não se poder ter confiança em nós!
Respiro melhor agora que passaram as horas
[dos encontros.
Faltei a todos, com uma deliberação do desleixo,
Fiquei esperando a vontade de ir para lá, que eu
[saberia que não vinha.
Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.
Estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.
É tarde para eu estar em qualquer dos dois pontos
[onde estaria à mesma hora,
Deliberadamente à mesma hora...
Está bem, ficarei aqui sonhando versos e sorrindo
[em itálico.
É tão engraçada esta parte assistente da vida!
Até não consigo acender o cigarro seguinte...
[Se é um gesto,
Fique com os outros, que me esperam, no desencontro
[que é a vida.